Capitão de Mar-e-Guerra Alberto Rebordão de Brito

1942-1994

Biografia

Alberto Rebordão de Brito nasceu a 6 de Fevereiro de 1942 na ilha de S. Vicente, Cabo Verde e vem para Portugal com 4 meses de idade.

Em 1946, com 4 anos, a tragédia bate à porta da família e Joaquim José de Brito, pai de Alberto, morre. Inicia então os seus estudos na Voz do Operário.

Entre 1953 e 1959 frequenta o Instituto dos Pupilos do Exército com o n.º 191 onde conclui o Curso Geral do Comércio, continuando os seus estudos na área económico-financeira na Faculdade de Economia de Lisboa.

É incorporado na Armada em 3 de Agosto de 1962 como cadete de Administração Naval da Reserva Marítima, frequentando na Escola Naval o Curso de Formação de Oficiais da Reserva Marítima. Entretanto, a 18 de Julho de 1963, termina na Escola Náutica o Curso de Comissariado, passando os três anos seguintes na Marinha Mercante.

Em 3 de Outubro de 1966 regressa à Escola Naval como cadete da Reserva Naval, sendo promovido a Aspirante daquela classe de oficiais em 18 de Fevereiro de 1967.

Enquanto aluno do Instituto dos Pupilos do Exército

A convite do Chefe do Estado-Maior da Armada Vice-Almirante Roboredo e Silva, frequenta o Curso de Especialização em Fuzileiros Especiais como Aspirante da Reserva Naval.

Finalizado o curso e classificado em primeiro lugar, teria preferência na escolha em qual das províncias ultramarinas pretendia prestar serviço. Opta por Moçambique. Porém, para seu espanto, é nomeado para a Guiné, enquanto outro colega de curso pior classificado, mas eventualmente melhor relacionado, é nomeado para Moçambique. Rebordão de Brito entendeu não aceitar esta nomeação e recorre hierarquicamente. É-lhe reconhecida razão na reclamação e, perante essa decisão superior, voluntaria-se mas, desta vez por vontade pessoal, para a Guiné após o que, em 28 de Outubro de 1967, depois de promovido a Subtenente RN, é integrado como 3.º oficial do Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 12, na Guiné.

Promovido a segundo-tenente em 28 de Outubro de 1968, durante a comissão de serviço que termina em Outubro de 1969, é louvado por três vezes pelo comodoro comandante da Defesa Marítima da Guiné, sendo um dos louvores avocado pelo brigadeiro comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné. Recebeu ainda um louvor colectivo concedido pelo comandante-chefe.

Tendo concorrido ao Serviço Especial, é admitido como Subtenente SE – graduado em segundo-tenente – em 7 de Maio de 1970.

No período que decorre entre os anos de 1970 e 1971, desempenha funções como adjunto do chefe do Centro de Operações Especiais do Comando da Defesa Marítima da Guiné, onde recebe novo louvor colectivo.

Durante esse período, foi chamado a participar na Operação "Mar Verde", tendo o grupo de combate que comandava destruído as lanchas inimigas atracadas no porto de Conackry. Foi ainda condecorado, em 1970, com a Medalha de Prata de Valor Militar, com Palma.

Em Abril de 1971 é louvado pelo Ministro da Defesa Nacional, por proposta do comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné e, por Portaria de 23 desse mesmo mês e ano, condecorado com a Medalha da Cruz da Guerra de 1.ª classe.

Num momento de convívio enquanto Comissário da Marinha Mercante

Promovido a primeiro-tenente em 26 de Abril de 1971, é de novo louvado em Outubro pelo comandante da Defesa Marítima da Guiné.

Ainda durante o ano de 1971 é nomeado para comandar o recém-criado Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 22, unidade de fuzileiros africanos e, entre 1972 e 1974, exerce as funções de comandante do Centro da Preparação de Fuzileiros Africanos, em Bolama.

Por alvará de 24 de Maio de 1972 é conferido ao primeiro-tenente fuzileiro Rebordão de Brito o grau de Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Bissau – Condecorado no 10 de Junho, ao lado de Ramalho Eanes vendo-se atrás Marcelino da Mata e Benjamim Abreu

A 4 de Maio de 1973 é promovido a capitão-tenente por distinção e, em Junho do ano seguinte, é de novo louvado pelo comodoro comandante da Defesa Marítima da Guiné.

A 26 de Março de 1975, por se opor frontalmente ao regime que então dirigia o País, é expulso das Forças Armadas, sendo-lhe retirado o direito de usar medalhas militares e condecorações, exilando-se em Espanha. Esta situação foi considerada inconstitucional, sendo reintegrado com todas os direitos e regalias três anos depois.

É promovido a capitão de fragata a 8 de Junho de 1976 e dois anos depois a capitão-de-mar-e-guerra.

Até 1985 desempenha funções como chefe do Serviço de Assistência nas praias do Instituto de Socorros a Náufragos, sendo no final da comissão louvado pelo director do referido Instituto.

Faleceu a 23 de Novembro de 1994, no Hospital da Marinha.

No dia 31 de Julho de 2009, na Escola de Fuzileiros, em cerimónia presidida pelo Comandante do Corpo de Fuzileiros, Contra-almirante Picciochi, foi inaugurada a Praça Capitão-de-Mar-e-Guerra Rebordão de Brito (Museu do Fuzileiro) e descerrada a placa toponímica pela esposa Sr.ª D.ª Maria da Conceição Rebordão de Brito e pelos filhos Rui e Alberto.

Assistiram à cerimónia o Capitão-de-mar-e-Guerra Alpoim Galvão, o Comandante da Escola de Fuzileiros e alguns militares que com ele serviram, os Comandantes das Unidades de Fuzileiros e militares da guarnição da Escola de Fuzileiros.

Durante a sua brilhante carreira o comandante Alberto Rebordão de Brito foi louvado por cinco vezes pelo comodoro comandante da Defesa Marítima da Guiné, sendo um dos louvores avocado superiormente, dois louvores colectivos do comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné, um louvor do Ministro da Defesa Nacional sob proposta do comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné e um louvor concedido pelo director do Instituto de Socorros a Náufragos.

Era detentor das seguintes medalhas e condecorações:

- Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito com Palma, grau Oficial;
- Medalha Militar de Prata de Valor Militar com Palma;
- Medalha da Cruz da Guerra de 1.ª classe;
- Medalha Militar de Mérito Militar de 3.ª classe;
- Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas, com a legenda "Guiné 1967-1972" e "Guiné 1972-74";
- Grã-Cruz de 1.ª classe da Ordem de Santa Maria Magdalena, da Polónia.

ALVARÁ DE CONCESSÃO DO GRAU DE OFICIAL DA ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MÉRITO[1]

Considerando de justiça distinguir o primeiro-tenente fuzileiro ALBERTO REBORDÃO DE BRITO, que, por mais de uma vez, ganhou jus a condecorações por acções em campanha desde 1961;

---

1 *Publicado no Diário do Governo II Série n.º 149/28-6-1972, pela Presidência da República e na AO/34/5-7-72.*

Considerando que na prática de feitos em combate em duas comissões na província da Guiné revelou coragem constante em presença do inimigo, alto espírito de sacrifício, decisão, alheamento consciente do perigo, prestígio pessoal sobre as tropas comandadas ou entre os seus camaradas e superiores, virtudes militares estas que o impõem como alto valor moral da Nação:

AMÉRICO DEUS RODRIGUES TOMÁS, Presidente da República e Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas, faz saber que, nos termos do Decreto-Lei n.º 44721, de 24 de Novembro de 1962, confere ao primeiro-tenente fuzileiro ALBERTO REBORDÃO DE BRITO, sob proposta do Presidente do Conselho, o grau de oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

O 1TEN FZE Alberto Rebordão de Brito recebe a Ordem da Torre e Espada das mãos do Presidente da República, Almirante Américo Tomás

ALVARÁ DE CONCESSÃO DA PALMA À ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MÉRITO[2]

Os agraciamentos com a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, conferidos ao abrigo do art.3º, al. b), do Decreto lei 44721, de 24-11-62, destinados a galardoar feitos heróicos em campanha militar, deveriam ser concedidos com palma, nos termos do § 3.º do art. 38.º do citado diploma legal.

Considerando que na Lei Orgânica das ordens Honoríficas Portuguesas em vigor, aprovada pelo Dec.-Lei 414-A/86, de 15-12, se mantiveram os pressupostos e requisitos quanto à concessão da palma aos condecorados com aquela Ordem;

Considerando que a concessão do grau de oficial da ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito ao então primeiro-tenente fuzileiro Alberto Rebordão de Brito, apesar de fundamentada na prática de feitos heróicos em campanha militar, não o foi com palma;

Considerando o que me foi representado pelo Conselho das Antigas Ordens Militares por intermédio do respectivo chanceler e tendo em vista a defesa e o prestígio das Ordens:

Mário Soares, Presidente da República e Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas, faz saber que nos termos da Lei Orgânica, aprovada pelo Decreto-Lei 414-A/86, de 15-12, concede a palma ao capitão-de-mar-e-guerra Alberto Rebordão de Brito, oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Testemunho oral de Alberto Rebordão de Brito[3]

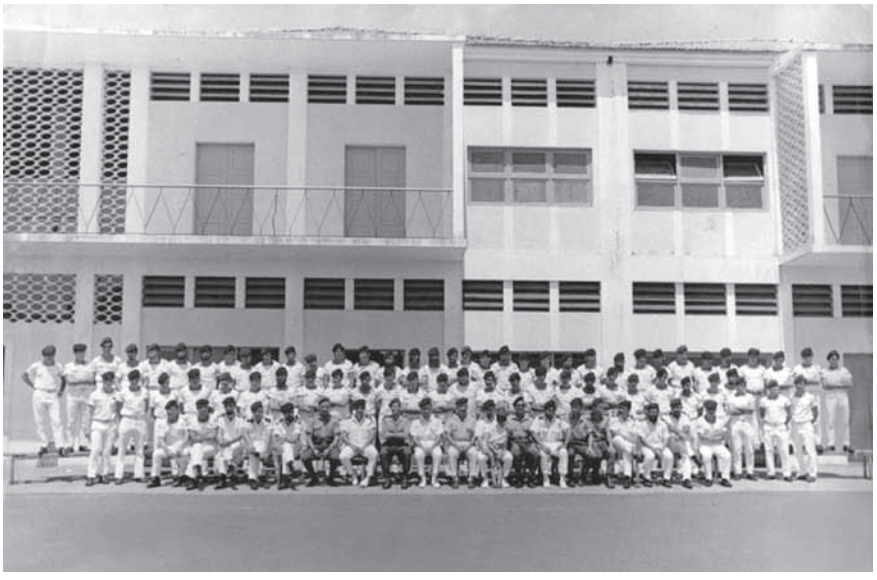
O comandante Rebordão de Brito morreu antes de poder rever e alterar o texto abaixo, que é o resultado de uma gravação. Não tem portanto o estilo pessoal de outros, embora reproduza fielmente as suas palavras.

Há uma face da guerra em que não são só tiros, nem rebentamentos, nem mortos nem explosões – há também uma vertente humana que é muito grande e que se expressa de variadíssimas formas.

Como esta que passo a contar:

Num assalto a um acampamento inimigo, sem esperarmos, quando íamos a entrar na picada de acesso e já tinhamos aberto fogo, houve uns garotos que vieram a correr de repente para o nosso lado e três ou quatro foram metralhados, sem culpa nenhuma nossa. Passando revista ao acampamento, encontrámos um garotito abandonado a chorar no meio do arrozal, que lá se chama bolanha. Não íamos deixá-lo ali, naturalmente os pais também não voltariam tão depressa e resolvemos levá-lo para o aquartelamento. E lá fizémos umas dezenas de quilómetros até voltarmos para a unidade. O garoto foi tratado como mascote, mandámos fazer um uniforme branco e ficou com o meu apelido e com os nomes do telegrafista e do homem que o carregou mais tempo.

Entretanto, estava a aproximar-se o fim da comissão da unidade e íamos regressar a Lisboa. Um oficial do Exército na Guiné, que foi um dos três majores assassinados durante uma tentativa de estabelecimento de paz com o PAIGC, pediu-me para eu perguntar à unidade se concordavam que o garoto fosse adoptado legalmente por ele. Lá fizémos um conclave e dissémos que sim, porque nenhum de nós sabia o que ia fazer no futuro, não tinhamos família constituída e cada um já estava a pensar em partir para novas co-



O DFE 12 fotografado com os majores do CAOP que foram assassinados

2 *Publicado no Diário da República II Série n.º 266/18-11-89*

3 *Rodrigues, Rui (1995). Os Ùltimos Combatentes do Império. Lisboa: Erasmos*

missões em Angola e Moçambique ou, eventualmente, na Guiné como foi o meu caso. Decidimos, portanto, entregar o garoto ao major Passos Ramos para ser adoptado.

Fizémos uma formatura com todo o cerimonial, com o garoto fardado de grumete, de branco, e entregámo-lo ao major Passos Ramos que, suponho, o terá adoptado. Mas como ele foi mais tarde assassinado não sei o que se passou, porque vim passar uns meses a Lisboa e deixei de ter contacto com as pessoas.

Ou então como esta outra história:

Noutro assalto a um acampamento, em que, quando nos estávamos a preparar para almoçar a velha lata de sardinhas, começámos a ouvir vozes. Naturalmente que nos pusémos logo em posição defensiva, percebemos que as vozes não mudavam de sítio e avançámos para ver o que se passava. Por acaso tínhamos dado com outro acampamento. Manobrei as forças que tinha, que era um grupo muito pequeno, de doze homens, assaltámos o acampamento, matámos uns tantos fulanos e depois passámos revista ao acampamento. Apanhámos umas armas, contámos os mortos e demos com um ferido. Era óbvio que não íamos abater o ferido.

Então tive de tomar uma decisão um bocado complicada: ou hipotecava a segurança do meu grupo no transporte do ferido ou deixava-o morrer ali. Para transportar o ferido eram precisos

LDG "Montante" e duas LFG ao largo de Conakry

quatro homens, o que reduzia o grupo logo de um terço. Achei preferível hipotecar a segurança do grupo. Chamei o helicóptero pelo rádio e evacuámo-lo para o hospital de Bissau para ser tratado, e creio que se terá salvo. É uma coisa que parece um bocado incongruente – o homem apanhou um tiro nosso quando combatia contra nós, e somos nós a evacuá-lo – mas não é. É um inimigo vencido mas que tem de ser tratado como gente.

Entre as várias vertentes da guerra, há outra que é a caricata:

Durante a operação Mar Verde, o assalto a Conakry, eu tinha um grupo de catorze homens cuja missão era afundar as unidades da Marinha do PAIGC e eventualmente as da Marinha da República da Guiné-Conakry. Tratava-se de obstar a que qualquer meio naval pudesse impedir a acção dos nossos navios ou que pudesse contribuir para isso.

Aquando da aproximação a um molhe de enrocamento que havia para a protecção do porto interior de Conakry, notei que um bote de borracha ficava para trás. Pensei que o homem que ia ao motor estava com medo. Dexei-o. Fui para cima do molhe com uns binóculos para ver a disposição dos navios e aí apanhei um dos maiores sustos da minha vida.

Em vez de navios relativamente pequenos – que apesar de serem maiores que os nossos eram pequenos – vi uma fragata. Chamei um dos meus homens e disse-lhe: "Olha, temos ali uma fragata à frente, nós somos apenas catorze, não temos hipótese de sobreviver, vamos lançar-nos ao ataque da fragata, direitos aos alojamentos da guarnição e rebentar com tudo o que seja possível. Já sabemos que não saímos de lá vivos, mas ao menos deixamos as nossas unidades actuar à vontade." Enquanto isto se passava, o guia que ia connosco, um homem da Guiné-Conakry que estava mesmo atrás de mim e que eu só conhecia desde a noite anterior, passou o tempo todo a afiar um facalhão enorme nas pedras do molhe, o que não deixou de me inquietar.

Eu tinha a noção perfeita de que, com catorze homens apenas, não era capaz de dominar os duzentos homens da guarnição de um fragata, mas era capaz de fazer estragos suficientes para que a fragata não se pudesse mexer, de provocar avarias nos órgãos vitais; mas que ficávamos lá todos estendidos no chão, também não tinha dúvida nenhuma. Entrar não era complicado, o que era complicado era sair, mas eu tinha de garantir a segurança dos homens que estavam a bordo dos nossos navios e que eram quatrocentos ao todo.

Uma coisa que não me preocupou minimamente foi o facto de a fragata ser soviética – os soviéticos usavam muitas vezes Conakry como ponto de apoio e nenhuma das marinhas da região tinha fragatas – porque, quando muito, podia resultar em mais uma condenação na ONU e nós já estávamos habituados a isso.

Lancei os botes ao assalto e, à medida que nos fomos aproximando, em vez da fragata começaram a aparecer dois navios pequenos que eu tinha visto no prolongamento um do outro – a proa de uma e a popa de outro – e que me parecia um navio de grandes dimensões. É escusado dizer que a minha alma resplandeceu. E lá vinha o tal bote atrasado, no ramerrão, a que eu não liguei nenhuma. Decidi fazer o assalto à esquadra inimiga, às vedetas P6 e Comar da República da Guiné com os meios que tinha, já reduzidos, a que ainda faltava o tal bote atrasado que não havia meio de chegar ao pé de nós.

Lá conseguimos cumprir o objectivo de incendiar e afundar o que fosse possível para a nossa Marinha se movimentar à vontade nas águas de Conakry. No regresso, cada um saltou para um bote

LDG "Montante" durante a operação Mar Verde

à sorte e o meu praticamente não saía do mesmo lugar – foi aí que percebi que o homem que tinha vindo a pilotar o bote desde o navio até chegar ao porto interior, estava com o motor avariado. Quando cheguei a bordo do navio-mãe estava tudo às escuras, naturalmente, e vi uma dentadura branca e uns olhos que me disseram. "Então, chefe, quantas cervejas é que eu ganhei?"

Era o marinheiro, natural da Guiné, que tinha ido a pilotar o bote para lá, e que sabia, no seu íntimo, que eu lhe estava a chamar cobarde. Era o marinheiro Said. Um homem espertíssimo, que depois foi fuzilado pelo PAIGC, comandado depois pelo presidente Nino Vieira.

A propósito deste:

Uma vez recebi uma informação que o actual presidente estava a fazer rezas a um imã muçulmano que existia na ilha dos Escravos. Como já não o podia apanhar, resolvi demonstrar-lhe que ia onde quisesse com o meu pessoal. Assim, desembarcámos numa praia comprida da ilha dos Escravos, sem segurança nenhuma, com o pessoal numa linha de uns duzentos metros de frente e ao som de tambores e clarins.

Quase como no filme Apocalypse Now, só que não tinhamos helicópteros nem altifalantes e os tambores e os corneteiros não sabiam tocar Wagner. Desembarcámos, revistámos a ilha toda e reembarcámos outra vez ao som do tambor e do clarim – e esta graça foi uma das coisas que nunca me perdoou.

De resto, tirando estas pequenas histórias, todas as operações de contra-guerrilha são iguais e vulgaríssimas. Uma operação, seja ela bem ou mal sucedida, resulta sempre de duas coisas apenas: um planeamento de cinco dias e uma barulheira de um minuto, do qual quarenta e cinco segundos são estrondos e sons de metralha e o resto, um exercício do português mais vernáculo. A seguir, é a recolha de informações, as contagens de mortos e feridos – uma operação a nível de pequenas unidades é rigorosamente isto.

Depois, havia aquelas situações de confronto, do tipo emboscada. Na minha unidade, sempre que éramos apanhados, tinhamos criado e enraizado o hábito de carregar sobre o inimigo, como se fosse uma carga de cavalaria, a disparar e gritar insultos e "vamos a eles, vamos apanhar um à mão". Era assim que conseguíamos pôr o inimigo em debandada. É preciso correr e disparar e obrigar o inimigo a correr de costas ou a correr mais depressa que nós. É uma técnica que pode parecer esquisita, mas que foi muitíssimo eficaz durante todos os anos em que estive no Ultramar.

Aparentemente, isto contraria aquilo que pode classificar-se de uma tendência natural – que é a de mergulhar quando se ouvem tiros. Mas chegando a determinada altura de habituação ao combate, o instinto de sobrevivência dá-nos a sensação mais segura de estarmos a saber o que se passa e de onde vêm as coisas e não ter a cabeça na terra, onde não se vê nada a não ser as raízes e a poeira levantada dos tiros. De pé tem-se uma visão de conjunto e sabe-se como se há-de manobrar ou para que lado havemos de carregar. É muito mais fácil. Pode dizer-se que a melhor defesa é o ataque, carregar sobre o inimigo fazendo a maior barulheira possível: isto tem um efeito psicológico muito grande.

Curiosamente, um dos meus homens que morreu estava deitado no chão com a cabeça junto ao meu pé e foi atingido nela – sem a cabeça dele tinha eu apanhado um tiro no pé. Mas não pode ficar toda a gente de pé. De pé fica o comandante, que não interessa que faça fogo, mas perceba o que está a passar-se para poder actuar e acabar com o perigo o mais depressa possível.

Além disso, o facto de o comandante ficar de pé dá segurança ao resto do pessoal e isso é importante para que uma operação corra bem. Por exemplo, quando íamos para áreas muito complicadas e os homens estavam receosos, levava só um pingalim ou uma pistola, para lhes fazer sentir que não havia razões para ter medo.

Um homem bem treinado tem muito mais possibilidade de sobrevivência na guerra do que um homem mal treinado. Mas talvez eu tenha tido mais sorte do que outros no aspecto em que participei em mais missões com êxito. De resto, a minha carreira é uma carreira que qualquer militar medianamente dedicado ao seu conceito de Pátria faria: era apenas cumprir. Talvez eu tivesse tido mais ocasiões de o fazer. Talvez as tivesse procurado. De resto, a minha carreira militar nada teve de especial.

Guiné, DFE 12 e Rebordão de Brito
1967

O STEN FZE RN Alberto Rebordão de Brito integrou o Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 12[4].

O PTB – Plano de Treino Básico do DFE 12 foi dado pelo DFE 7 em final de comissão na área do Cumeré, no rio Geba a montante de Bissau, utilizando lanchas de desembarque, simulando no lôdo e tarrafo as difíceis condições das habituais operações com fuzileiros.

Evacuação de feridos durante a operação "Gienah III"

Em 13/14 de Dezembro de 1967 o DFE 12, com o apoio da LFG "Hidra" e da LDM 304 participou na operação "Gienah III" na península de Pobreza, rio Tombali; emboscados e violentamente atacados sofreram 1 morto e seis feridos. Rebordão de Brito teve acção preponderante na operação, comportamento por que mais tarde veio a ser louvado.

"...Durante a Operação GIENAH III, seguia o 2.º Ten Brito na vanguarda da coluna, quando esta foi fortemente emboscada, em

4 *O Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 12, DFE12, foi comandado pelo 1TEN Fernando Alberto Gomes Pedrosa e, além de todos os restantes sargentos e praças da unidade, integrou ainda o 2TEN Pedro Manuel de Almeida Serradas Duarte (oficial imediato) e o STEN FZE RN Benjamim Lopes de Abreu (4.º oficial); rendeu, em Novembro de 1967 na Guiné, o DFE6 comandado pelo 1TEN José Luis Ferreira Leiria Pinto.*

terreno descoberto, por um numeroso grupo IN que, abrigado na orla da mata, logo no início da acção provocou um morto e 6 feridos ao destacamento. Perante a situação extremamente difícil que se seguiu, com todo o pessoal em terreno descoberto batido pelo fogo IN, o referido Oficial, revelando extraordinário arrojo, sangue-frio e elevado senso táctico, imediatamente se lançou, apenas acompanhado de 3 praças, num envolvimento galvanizando todo o pessoal com o seu exemplo que teve um efeito preponderante na debandada do grupo IN, o qual sofreu baixas e a captura dum LGF RPG-2 e outro material. [….]" (extracto do louvor referindo a operação "Gienah III")

Apoio à recuperação da LDM 302 quando em 19 de Dezembro de 1967 foi alvo de violento ataque no rio Cacheu tendo ficado à deriva e meio submersa, sendo rebocada para Ganturé onde se afundou. A LFG "Cassiopeia" largou de Bissau para o Cacheu com um grupo de assalto do DFE 12 a fim de protegerem os trabalhos de recuperação da lancha que foi depois substituída pela LFG "Sagitário" – P 1131. O rebocador "Diana" participou nos trabalhos e reboque para Bissau.

Ainda em 1967, em 29 de Dezembro, o DFE 12 embarca na LFG "Cassiopeia" e leva a cabo a Operação "Algol" no rio Cacheu, Concolim, com o apoio da LDM 204.

1968

Apenas quatro meses após a sua chegada à Guiné, na sequência da missão de recuperação da LDM 302, Rebordão de Brito é louvado em 22.01.68 pelo Comandante da Defesa Marítima da Guiné, confirmado na OA, 2.ª Série de 12.02.68.

No decorrer do ano de 1968 o DFE 12, com o apoio de meios navais participa nas mais diversas missões:

– Operação Bellatrix, 12Jan68, Ilha de Caiar, Rio Tombali, DFE 12, FAP, LFG SAGITÁRIO, LDM 301/304, Relab 02/68;
– Operação Antares, 29/30Jan68, Nhané Tancroal, Rio Cacheu, DFE 12, LFG LIRA, LDM 305, FAP, Relab 06/68;
– Operação Vega, 19Fev68, Canjaja, Rio Cacheu, DFE 12, LFG SAGITÁRIO, LDM 312, FAP, Relab 10/68;
– Operação Orion, 06Mar68, Cadique Nalu, Rio Cumbijã, DFE 12, FAP, DFE 10 (helitransportado), LFG HIDRA/ORION, LDM 205/307, Relab 13/68;
– Operação Centauro, 14Mar68, Cametonco, Ilha de Catunco, LFG LIRA, DFE 10/12, LDM 201/304, Relab 1C/68;
– Operação Pollux, 16Abr68, Tiligi, Rio Cacheu, DFE 12, LFG SAGITÁRIO, LDM 304, FAP, Relab 17/68;
– Operação Castor, 16Abr68, Tiligi, Rio Cacheu, DFE 12, LDG ALFANGE, LDM 204, FAP, Relab 18/68;
– Operação Virgem, 30Abr68, Poindom, Rio Corubal, DFE 3/12, FAP, LDM306, Relab 19/68, (S/LFG).

Ainda durante o ano de 1968, com o general Spínola como Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné, na segunda quinzena do mês de Junho, é lançada a Operação "Via Láctea" por tempo indeterminado, entre Porto Coco e Olossato, envolvendo a activação de uma Base Naval de Patrulhas em Ganturé, com a afectação local de meios navais e fuzileiros com a finalidade de, em conjunto com as forças terrestres, cortar a infiltração de forças inimigas pelos corredores de Sitató, Jumbembem, Sambuiá e Canja.

O DFE 12 em conjunto ou fraccionado em grupos de combate participa em várias dessa missões, sempre de forma destacada.

– Operação Alcyone, 28Mai68, Poindom, Rio Corubal, DFE 12, FAP, LFG LIRA, LDM 307, Relab 24/68;
– Operação Canopus, 07/08Jun68, Leto/Nhane, Rio Cacheu, DFE 12, LFG HIDRA, LDM 305, Relab 26/68.

Mais tarde, em Setembro, é lançada a Operação "Andrómeda" reforçando os meios navais na área (LFP, LDM e LDP) e com o apoio dos já existentes destinados a neutralizar as cambanças no corredor de Sano/Canja.

Ainda no mesmo mês o DFE 12 em conjunto com o DFE 13 participam na Operação "Dragão" na zona do Sambuiá.

Nesse mesmo ano, 1968, o DFE 12 viria a ser louvado colectivamente pelo forma como actuou no dia 06.07.1968 em missão de patrulha e fiscalização no rio Catora, quando desembarcam com botes a sul da estrada Có-Pelundo. Foi ainda o STEN RN Alberto Rebordão de Brito louvado individualmente pelo CDM da Guiné em 15.07.1968, transcrito e publicado na Ordem da Armada por despacho de 21.07.1968 do VALM Chefe do Estado-Maior da Armada.

Antes do final do ano os Destacamentos de Fuzileiros deixam de pertencer operacionalmente ao CDMG e é estabelecida uma base em Buba passando ao comando do COP 4.

1969

Em 27 de Janeiro de 1969 o COP 3 é transferido para Farim e é determinado ao CDMG para manter um Destacamento em Ganturé. Entretanto nos meses de Fevereiro e Março, decorre uma operação de grande envergadura na zona de Teixeira Pinto, envolvendo os DFE 12 e DFE 3, duas Companhias de Páras, duas Companhias da Exército e a 16.ª Companhia de Comandos, missão sob o comando do CAOP 1, numa batida conjugada com emboscadas na região do Churo, a sul da estrada de Bachile-Cacheu e região de Jopá.

Helitransportado e num desembarque

Durante todo o primeiro trimestre foi mantido em Teixeira Pinto-Cacheu aquele dispositivo com dois Destacamentos de Fuzileiros.

A Operação "Nebulosa" – Rio Inxanche que teve início em 15 de Agosto com o apoio LFG "Sagitário" e um grupo de assalto reduzido comandado pelo 2TEN FZE RN Rebordão de Brito em quatro botes de borracha foi abortada dia 20 numa primeira tentativa. Emboscados novamente no tarrafo a partir do dia 24 para onde foram conduzidos pelo radar da LFG, no dia 27 após longa e penosa espera, em condições extremamente difíceis, foi capturado e afundado o NM "Patrice Lumumba" após difícil combate que envolveu a luta corpo a corpo.

Em Outubro o DFE 12 é rendido pelo DFE 3.

1970

Em 21 de Abril foi activado o primeiro Destacamento de Fuzileiros Africanos, o DFE 21, comandado pelo 1TEN Raul Cunha e Silva e criado o Centro de Preparação de Fuzileiros de Bolama.

Operação "Mar Verde" em 22 de Novembro de 1970

Operação preparada e levada a cabo sob o comando do CTEN Alpoim Calvão que embarca na LFG "Orion". Participam ainda na operação as LFG "Cassiopeia", "Hidra", "Dragão" e ainda as LDG "Montante" e "Bombarda", onde embarcam tropas especiais entre as quais se incluem o DFE 21, o 1.º Destacamento de Fuzileiros Especiais Africano e uma Companhia de Comandos Africana.
"...A primeira vaga parte à uma e meia da madrugada de Domingo, dia 22, do navio-comandante, a LFG "Orion" onde embarcou o CTEN Alpoim Calvão, o comandante da operação. Trata-se do Grupo Victor, composto por 14 fuzileiros especiais e um guia, natural da República da Guiné, cuja missão é neutralizar a Marinha de Guerra do PAIGC, assim como as vedetas mais modernas da Marinha da República da Guiné. Largam em três botes Zebro comandados pelo 2TEN FZE RN Rebordão de Brito. O armamento de que dispõem é ligeiro, pistolas metralhadoras Kalashnikov e também granadas ofensivas, defensivas e incendiárias.

Pessoal da Companhia de Comandos Africana embarcado na LDG "Montante", atracada a duas LFG

Os botes seguem em velocidade reduzida em direcção ao dique La Prudence onde aguardam a ordem de ataque do comandante. Uma vez recebida a ordem, os botes partem em máxima velocidade em direcção aos oito navios atracados: sete vedetas rápidas e uma lancha de desembarque.

De acordo com as informações do guia, três vedetas e a lancha de desembarque pertenciam ao PAIGC e as restantes à República da Guiné.

Aquele grupo de fuzileiros faz a abordagem aos navios, depois de terem eliminado a sentinela, um combatente do PAIGC. De imediato, lançam várias granadas para o interior das embarcações, causando danos irreparáveis. Três navios afundaram-se e quatro incendiaram-se.

Embora apanhadas de surpresa as guarnições das lanchas reagiram com fogo de armas ligeiras e uma metralhadora pesada, mas os fuzileiros colocados em pontos estratégicos neutralizaram a resistência, causando cerca de 20 baixas e sofrendo apenas um ferido ligeiro. Em 45 minutos tudo estava terminado.

Em resultado dos incêndios, as lanchas, com mísseis, torpedos, munições e combustível a bordo, explodem em bolas de fogo visíveis de bordo da LFG "Orion". O primeiro objectivo da Operação Mar Verde está atingido e a cidade de Conakry acorda ao som de explosões....".[5]

1971

Em 16 e 17 de Maio o 1TEN Rebordão de Brito é nomeado para substituir temporariamente o 1TEN Mendes Fernandes no comando do DFE 12.

Em Julho é reestruturado o Centro de Operações Especiais sendo-lhe atribuído os DFE 21 e DFE 22, este último em vias de ser activado.

Em Novembro é activado o DFE 22 sendo nomeado comandante o 1TEN Rebordão de Brito. Os militares da Província que o integravam tinham prestado juramento a 5 de Outubro no final do curso do Centro de Preparação de Bolama. A Unidade foi inicialmente dividida em 2 grupos de assalto um sediado no aquartelamento de Buba e o outro no de Bolama com amissão de patrulhar e fiscalizar o rio Grande de Buba, o canal de Bolama e seus afluentes. Atribuído experimentalmente ao CDMG.

Em 2 de Novembro o DFE 21 é rendido em Buba pelo DFE 22.

1972

O DFE 22 continuava com um grupo de assalto em Buba e outro em Bolama, actuando quer em GA quer em conjunto todo o Destacamento.

Em 15 de Janeiro Rebordão de Brito é substituído no comando pelo 1TEN Amadeu Cardoso Anaia cuja cerimónia de entrega de comando é levada a efeito em 5 de Março sendo a cerimónia presidida pelos Comodoros Magro Lopes e Moura da Fonseca, em fase de rendição no CDMG. Este Destacamento actuava com os oficiais e parte do restante pessoal com espingardas *Kalashnikov* chegando mesmo os elementos que seguiam na frente da coluna a usar fardas capturadas ao PAIGC, o que poderia lançar alguma confusão entre o inimigo, também pelo facto de serem negros.

Numa sucessão de factos, em finais de Março o DFE 22 foi destacado para Gampará onde vem a ser substituído em Maio pelo DFE 21 e é criada a Tabanca Nova da Armada, a partir de final de Julho.

1973/1974...

Em 20 de Janeiro Amilcar Cabral é assassinado à porta da sua residência em Conakry, em Março aparece pela primeira vez o míssil terra-ar Strella. Em 6 de Agosto, depois de regressar à Metrópole, o General Spínola é exonerado do cargo de Comandante-Chefe e substituído pelo General Bettencourt Rodrigues.

---

5 *Monteiro, Saturnino(1997). Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa, Vol VIII, 1808-1975. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora*

"In" Separata do Boletim 210 do IPE – Instituto dos Pupilos do Exército, sobre Rebordão de Brito:

«Mas 1973 será também o ano do I Congresso dos Combatentes do Ultramar, realizado no Porto. Alberto Rebordão de Brito e Marcelino da Mata assinam um telegrama contestatário que é enviado ao Congresso em nome de várias centenas de combatentes, entre os quais salientamos Almeida Bruno, Manuel Monge, Otelo Saraiva de Carvalho, Matos Gomes, Ramalho Eanes, Hugo dos Santos e Vasco Lourenço. O telegrama dizia assim:

"Cerca de quatro centenas de militares dos quadros permanentes e combatentes do Ultramar, com várias comissões de serviço, certos que interpretam o sentir de outros camaradas que, por motivo de circunstâncias múltiplas, ignoram verdadeiramente o Congresso, desejam informar V. Ex.ªs e esclarecer a Nação do seguinte:

1. Não aceitam outros valores nem defendem outros interesses que não sejam os da Nação:
2. Não reconhecem aos organizadores do I Congresso dos Combatentes do Ultramar e, portanto, ao próprio Congresso, a necessária representatividade.
3. Não participando nos trabalhos do Congresso, não admitem que, pela sua não participação, sejam definidas posições ou atitudes que possam ser imputadas à generalidade dos combatentes.
4. Por todas as razões formuladas se consideram e declaram totalmente alheios às conclusões do Congresso, independentemente do seu conteúdo e da sua expressão.

Subscrevem o presente telegrama, em representação simbólica das quatro centenas de militares referidos, os dois militares que publicamente e por diversas vezes a Nação Portuguesa consagrou:

– Capitão-Tenente Alberto Rebordão de Brito (oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito; medalha de Prata de Valor Militar com palma; Cruz de Guerra de 1.ª Classe).
– 1º Sargento graduado em Alferes, Marcelino da Mata (cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito; Cruz de Guerra de 1.ª Classe; Cruz de Guerra de 2.ª Classe)."

O regime não veria com bons olhos esta ousadia de Rebordão de Brito que não se coibia de o enfrentar, olhos nos olhos. É de salientar que este telegrama é considerado a génese do Movimento dos Capitães.

O Congresso decorreu entre 1 e 3 de Junho de 1973 e a publicação do Decreto-Lei n.º 353/73, que daria origem à entrada de milicianos nos quadros permanentes de oficiais do Exército, é de 13 de Julho de 1973.

A Revolução de 25 de Abril de 1974 surpreende-o de férias em Londres com a família. Na véspera da partida para Londres, a 21 de Abril, o General Spínola diz-lhe que quando regressasse haveriam de ter uma conversa sobre umas coisas que se estavam a passar… Não foi preciso. Regressa a Lisboa a 29 de Abril, e segue para a Guiné onde a actividade operacional estava suspensa. Mas a missão que o esperava não era mais fácil que combater. Cabia-lhe agora dizer aos seus homens, aos Fuzileiros Africanos, a quem tinha dado preparação e formação, ao lado dos quais tinha combatido, que iria nascer uma nova Guiné, uma nova Marinha, que os iria receber no seu seio e que contava com eles.

As ordens seriam essas mas, por sã lucidez e amor aos seus homens, não as cumpre. Deixa paióis abertos, aconselha os seus fuzileiros africanos a saírem da Guiné, a irem para o Senegal. Muitos, a grande maioria, escutam o seu Comandante evitando o fuzilamento certo. Outros, crentes nas oportunidades que lhes seriam dadas na nova Guiné, encontram a morte por fuzilamento, tal como muitos comandos do Batalhão de Comandos Africanos.

Rebordão de Brito choraria a morte dos seus camaradas que não conseguiu evitar. Anos mais tarde, com outros oficiais fuzileiros, consegue trazer para Portugal alguns dos seus Fuzileiros Africanos, inclusivamente providenciando-lhes emprego. Eram laços de camaradagem e de amizade que os ventos fortes da História não iam conseguir quebrar.

Regressou a Portugal trazendo consigo a Bandeira Nacional que estava hasteada no Palácio Governamental de Bolama. Não a quis deixar lá!

Terminada a guerra, e regressado a Portugal, Rebordão de Brito viverá mais sobressaltos, nomeadamente pelo seu envolvimento no movimento de 11 de Março de 1975. Sente na pele a amarga experiência do exílio, primeiro no Brasil e depois em Espanha, e também o afastamento forçado da família. Em Março de 1977, é um dos nove Fundadores da Associação de Fuzileiros, e esta há-de homenageá-lo dedicando-lhe a sua Marcha. Em 1978 é reintegrado na Armada e colocado no Instituto de Socorros a Náufragos, terminando a sua carreira como Chefe do Serviço de Assistência nas Praias em 1985.

Não voltaria, portanto, a desempenhar funções numa unidade de Fuzileiros, como seria natural dada a sua experiência, e eventualmente o seu desejo. Faleceu precocemente a 23 de Novembro de 1994, com 52 anos de idade.

Em Junho de 1999, o Hotel Atlântico (Monte Estoril) descerrou um quadro com o retrato do Com. Rebordão de Brito na sua Galeria de Ilustres Figuras Militares, numa iniciativa que, no âmbito do Dia de Portugal, visava "cumprir em cada ano o dever de recordar, com a dignidade merecida, o esforço abnegado dos seus combatentes veteranos ou mortos".

Apesar todas as distinções, condecorações e medalhas, Rebordão de Brito manteve sempre um espírito sereno e desprovido de vaidades, que no seu caso seriam justificadas e perdoáveis. Evitava protagonismos, e arranjava sempre alguém com quem partilhar os louros. Continuava a dar grandes lições. Queremos acreditar que algumas destas nobres características que enformavam Alberto Rebordão de Brito tenham sido adquiridas na sua vivência juvenil nos Pupilos do Exército. Para usar a expressão naval: orgulhamo-nos deste "filho da escola".»

Testemunhos para revista "O Desembarque" sobre Comandante Rebordão de Brito

Diogo Pacheco de Amorim
Sócio Originário n.º 1543

Nos tempos conturbados do exílio em Madrid, não foram poucas, entre os exilados, as figuras esquivas e nebulosas com quem nos cruzámos. E referimos isto porque o Alberto Rebordão de Brito, que só então conhecemos, chamou-nos logo a atenção pela limpidez, clareza e transparência do seu sorriso, da sua forma de estar e da sua maneira de ser.Naquele mundo crepuscular de um exílio onde nunca sabíamos bem exactamente quem se sentava ao nosso lado, o Alberto foi uma das excepções. E também por isso conhecê-lo, mais do que uma agradável surpresa, foi um privilégio.

José Campos e Sousa, António Diniz Vieira, Alberto Rebordão de Brito e Victor Martins

Fomos um fim de semana a Andorra. Em descanso das desventuras políticas de então. De qualquer modo Bons Tempos. Só cá estou eu!

Não vamos falar das invulgares qualidades de homem e de militar que foram as do Alberto Rebordão de Brito. Para isso, muito mais do que nós estão habilitados os seus camaradas e amigos de uma vida inteira que seguramente aqui deixarão o seu testemunho.

Relembraremos, apenas, um jantar em casa do Alberto onde, entre outros, estávamos nós os dois e em que ele nos desafiou a metermos as mãos à obra de um hino para os Fuzileiros.

Acedemos de imediato. Perguntámos-lhe quais os locais que tinham, para os fuzileiros, particular significado nos palcos de guerra porque haviam passado. A letra brotou facilmente, vivíamos tempos sombrios em que a emoção estava à flor da pele e a ideia da terra e dos homens que víamos vendidos, lá longe, depois de tantos anos de sacrifício e de coragem gastos sem conta, revoltava-nos profundamente.

Quanto à música saiu ainda mais rapidamente.

No dia seguinte, o Alberto ouviu e aprovou.

E assim nasceu o que é hoje o Hino da Associação dos Fuzileiros. Com uma pequena alteração, sugerida pelo Comandante José Moniz: a troca de Chiloango por Chilombo, em Angola.

Quando ouvimos esse hino, chegado ao "desfilai oh fuzileiros mortos", quem vislumbramos sempre à cabeça dessa marcha sem fim, porque sem tempo, é o Comandante Alberto Rebordão de Brito, sorridente e sereno, *larger than life*, um dos últimos heróis de um país que o não mereceu.

José Cardoso Moniz
Sócio Originário n.º 36

Quando e como nasceu a ideia de um Hino dos Fuzileiros?Julgo não ter grande importância. O José Campos e Sousa esteve em Moçambique na CCaç 2759, tendo sido agraciado com uma Cruz de Guerra.

Vista do aquartelamento do Chilombo, junto ao rio Zambeze

O Hino da Associação de Fuzileiros sempre mencionou o rio Chi loango. Digo isso com conhecimento porque estive em Sassa-Zau, rio Chiloango, vários meses quando fazia a 1.ª comissão, tendo procedido à transferência para a lagoa Massabi.

Portanto abandonámos Sassa-Zau e o Chiloango. Estive no Chilombo 17 meses, quando comandava o DFE 10 na minha 4.ª comissão e até ser promovido a capitão-tenente. O rio Chiloango não deixou recordações. Nem boas, nem más.

As razões porque "exigi" que no Hino da Associação o nome Chiloango fosse substituído por Chilombo foram:

- Termos permanecido no Chilombo 7 anos;
- Ter sido ali que o Camarada Sarmento Coelho foi atingido com 14 tiros e sobreviveu;
- Depois de me vir embora, terem sido mortos numa emboscada o 2TEN RN António Piteira, o Mar FZE 771/68 António Cardoso Saraiva, meu afilhado, e o Mar FZE 717/70 João Pereira. Esta história será contada um dia!...

Vivi tudo isto intensamente. Incluindo a "gestação" da Associação.

Alberto Rebordão de Brito foi um combatente tremendamente eficaz na Guiné.

Conheci-o em 1965. Fui seu instrutor. Sei dele o que me disseram. A rapaziada que o acompanhou por aquelas paragens, pode fazer narrativas com conhecimentos vividos. O que eu disser é "suponhamos".

Pelo caminho perdi-me com algum "arengar" todo e informei da razão daquela nova quadra que começa assim: "Onde quer que nos..."

Durante o mandato do ALM Picchiochi , este fez reparo ao facto do Hino dos Fuzileiros ser todo virado para o passado e não contemplar os novos desafios que os fuzileiros de hoje enfrentam. Para satisfazer este problema, assaz pertinente, pedimos ao Diogo Pacheco de Amorim para lavrar uma quadra que desse acolhimento à pretensão. Só uma, para não prolongar demasiadamente.

A música é a mesma, a cadência também.

Aqui vai:

Onde quer que nos chamem estaremos
Onde quer que nos mandem lutar
Nossas almas na noite sem medo
Nossas boinas de novo ao luar

José Talhadas

Sócio Originário n.º 95

Tive a honra de conhecer e ser comandado pelo então 2.º Tenente Rebordão de Brito como 3.º oficial do DFE 2 – Guiné 1967-1969.

Oficial de destacada preparação profissional, elevado espirito de corpo e liderança, coragem extraordinária debaixo de fogo e com qualidades de comando excepcionais evidenciadas nas inúmeras acções de combate em que tive a oportunidade de participar debaixo do seu comando e, por isso, coloco o saudoso Tenente Rebordão Brito no lote dos combatentes de eleição dos Fuzileiros ao longo da sua História.

Das inúmeras operações em que o tive como meu chefe de grupo, destaco principalmente as várias acções inopinadas; patrulhas de reconhecimento, golpes de mão, reações a emboscadas, em que rapidamente tomava decisões tácticas com resultados sempre positivos para o nosso grupo de combate.

Só a sua presença na frente do grupo de combate com a sua serenidade de chefia, liderança e camaradagem, levava os seus homens a segui-lo em qualquer acção de combate por mais difícil que ela se apresentasse.

Um homem sempre solidário, pronto a ajudar qualquer camarada que dele precisasse, daí sempre ser considerado um quase "ídolo" por todos os homens nas Unidades que comandou ou chefiou na Guerra e em tempo de Paz.

Entre muitas operações em que tive a honra de ser chefiado pelo Tenente Rebordão de Brito, destaco o Golpe de Mão na zona de Canjaja.

Certo dia correram rumores (a que hoje se chama fugas de informação) que brevemente estaria para ocorrer algo importante na zona de Canjaja.

Num final de tarde, o Tenente Rebordão de Brito reúne a rapaziada e pede voluntários para uma missão especial. Nem foi preciso dizer mais nada, todos se ofereceram… embora, só pudéssemos levar um grupo reduzido, devido às características da operação.

Durante a aproximação ao objectivo avistamos uma sentinela referenciada pelo Tenente Rebordão de Brito.

Este, de seguida, enviou uma equipa para a neutralizar e, seguidamente, com muito cuidado, aproximámo-nos os últimos metros a rastejar até chegarmos perto das primeiras "moranças".

O Tenente Brito, combinou a "hora H", posicionou as armas de apoio nos mais favoráveis sectores de tiro e deu ordem de assalto. Uma vez mais, devido ao seu comando, baseado na sua organização e experiência, esta operação foi um êxito e considerada um exemplo neste tipo de operações.

O sucesso desta operação desorganizou por algum tempo o PAIGC e a sua supremacia na zona de Canjaja.

A nossa amizade continuou ao longo dos anos. Durante a sua doença, estando eu no Brasil em missão de serviço, tivemos o nosso último contacto telefónico, sim, digo último, porque dois dias mais tarde recebi uma mensagem em que dava a conhecer o seu falecimento.

Foi uma enorme tristeza para mim não poder despedir-me de um grande amigo e combatente.

Manuel Lema Santos

Sóc. Efect. n.º 2189
1TEN RN (Lic.)

Bibliografia:

- Arquivo de Marinha, Núcleo 236-A e COLOREDO – Guiné
- Separata do Boletim da APE n.º 210, s/data
- Monteiro, Saturnino(1997). *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa, Vol VIII, 1808-1975*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora
- Baêna, Luís Sanches de (2006). *Fuzileiros – Factos e Feitos na Guerra de África, 1961/1974, Crónica dos Feitos da Guiné*. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha, Edições INAPA
- Bernardo, Manuel Amaro (2007). *Guerra, Paz e Fuzilamentos dos Guerreiros, Guiné 1970-1980*. Lisboa: Prefácio
- Texto e fotos do arquivo do autor, com as cedências seguintes: Revista da Armada; Arquivo de Marinha; Rui Santos Vargas (Instituto dos Pupilos do Exército); Rui Rebordão de Brito (TCor); Luis Costa Correia (CMG); Escola de Fuzileiros (AFZ); José Talhadas (Smor FZE).